

FEMINISMO EM AULA: O MITO DA DONZELA GUERREIRA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Mayara Ranieri Paschoal

RESUMO

O presente artigo apresenta um projeto voltado a alunos do Ensino Fundamental II, o qual pretende discutir e abordar o papel feminino na literatura desde os primórdios até a contemporaneidade. Baseando-se no estudo de gênero de Galvão (1998), a ideia principal é apresentar para os alunos os diferentes tipos de heroínas presentes nas histórias, fazendo com que eles as reconheçam também fora delas. Adendo a isso, serão abordadas as mudanças do papel da mulher, a qual antes tinha que esconder sua identidade se quisesse assumir uma posição de guerra.

Palavras-chave: Feminismo. Donzela-Guerreira. Literatura. Projeto. Ensino Fundamental II.

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, não só na literatura, mas como em toda a sociedade em geral, a mulher tem sido colocada em um papel secundário. Sempre sendo posicionada atrás de um homem forte; como esposa, amante, amiga ou mãe. Contudo, devido a todas as mudanças sociais que vêm acontecendo no mundo, e principalmente, graças ao movimento feminista e seu crescimento, essa situação está sendo transformada.

Ao longo dos últimos anos, o número de livros, filmes, novelas e séries televisivas com protagonismo de mulheres fortes e independentes têm aumentado consideravelmente. Personagens como a Mulher-Maravilha (Mulher-Maravilha - O filme), Hermione Granger (Harry Potter), Katniss Everdeen (Jogos Vorazes), Meredith Grey (Grey's Anatomy), Annalise Keating (How to get away with murder), entre outras têm invadido nossos lares e mostrado para adultos e crianças, que a mulher não cabe mais na posição submissa a que era designada.

Apesar de parecer algo atual, desde muito tempo, personagens como essas aparecem ofuscadas na literatura e na cultura de diversas civilizações. Em seu estudo de gênero

escrito e publicado em 1998, a professora doutora da Universidade de São Paulo Walnice Nogueira Galvão se debruça sobre o que chama de *Donzela-Guerreira*. Sendo essa nada mais nada menos, do que as personagens de importância mundial, que assumiram o papel de guerreiro destinado ao masculino.

Essa personagem frequenta a literatura, as civilizações, as culturas, a história, a mitologia. [...] Mulher maior, de um lado, acima da determinação anatômica; menor, de outro, suspensa do acesso à maturidade, presa ao laço paterno, mutilada nos múltiplos papéis que a natureza e sociedade lhe oferecem. [...] Ela corta os cabelos, enverga trajes masculinos, abdica das fraquezas femininas – faceirice, esquivança, sustos –, cinge os seios e as ancas [...]. (GALVÃO, 1998. p. 11-12)

Pensando nessa definição de donzela-guerreira, nas mudanças sociais e na importância da inserção de figuras femininas heroicas na formação de uma nova geração, o artigo que se seguirá propõe-se a discutir e abordar a aplicação desses conceitos em sala de aula, voltando-se a alunos do sexto ano do ensino fundamental II, tendo entre 10 e 11 anos.

REFERENCIAL TEÓRICO

No Brasil, o movimento feminista surgiu a partir da liderança de Bertha Lutz – cientista e bióloga formada na Inglaterra – a qual, influenciada pelo Movimento *Women's Suffrage* (mulheres sufragistas) incitou as mulheres brasileiras a irem às ruas lutar pelo direito ao voto na década de 1910, caracterizando esse como o início da primeira onda do movimento no país.

Depois de um longo período de lutas pelo direito feminino ao voto com o decreto 21.076 de 24 de fevereiro de 1932 estabeleceu-se o voto feminino e o voto secreto. Faltava agora a incorporação desse princípio à constituição a ser elaborada, o que foi feito com a inclusão do artigo 108 na constituição de 1934. (SOIHET, 2006. apud MENDES et.al, 2015. p. 91)

Nessa primeira onda feminista, ressalta-se a visibilidade ganhada pelas mulheres nos meios acadêmicos e jurídicos, isso graças às pautas abordadas por Lutz dizendo respeito à colocação feminina na educação. Além disso, deve-se frisar a *União das Costureiras, Chapeleiras e Classes anexas*, sendo esse um movimento ideológico anarquista que manifestava em oposição à situação deplorável das mulheres em fábricas e oficinas.

Em 1930, tanto no Brasil, quanto nos Estados Unidos, o feminismo perdeu forças, voltando a aparecer como segunda onda somente na década de 1960, quando o país sofria com as opressões do Regime Militar. Devido à queda dos movimentos sociais, as

mulheres ativistas inevitavelmente juntaram-se as guerrilhas. Segundo Mendes (2015) “*a inserção das mulheres na guerrilha caracterizou uma importante quebra de tabu em detrimento do estereótipo feminino (rainha do lar), pois ver uma mulher portando uma arma e partindo para o enfrentamento direto com os militares era algo surpreendente*”. Essa aliança levou ao exílio de muitas militantes, colocando-as em contato com movimentos feministas ao redor do mundo, principalmente o europeu, tendo uma influencia direta no crescimento dessa ideologia no Brasil.

O feminismo como conhecemos hoje se engajou verdadeiramente nos anos 80 com a redemocratização do regime político brasileiro. A partir de então, coletivos e grupos uniram-se à causa e abordaram pautas como violência, igualdade no casamento e orientação sexual.

Atualmente, a ideologia tem se propagado e ganhado mais visibilidade por diversos meios, desde as redes sociais que têm aumentado o número de debates e desabafos voltados à situação da mulher, até as demonstrações culturais (filmes, musicas, livros, peças teatrais, séries televisivas, etc.) as quais têm colocado em pauta a igualdade e os papéis femininos na sociedade mundial.

O mito da Donzela-Guerreira, citado anteriormente, caracteriza-se pela exploração de personagens femininas com uma força que ultrapassa o esperado, aproximando-se do que era comum ao homem. Nesse pensamento, as mulheres não só são mais fortes, mas também começam a ocupar posições diferentes, desvinculando-se do masculino. Segundo Galvão (1998), “*entre tantos destinos de mulher, ela se destaca, de saída, por ser outra: ela não é mãe, nem esposa, nem prostituta, nem feiticeira, etc. Seu nicho muito especial deve ser procurado ali onde não radica nenhuma dessas*”.

Na antiguidade, vemos essas personagens femininas destacadas na mitologia, apresentadas em deusas (Atenas, Hera, Afrodite), e principalmente nas amazonas. Sendo essas conhecidas por suas habilidades de guerrear e por terem criado uma sociedade própria, onde era proibida a presença de homens, exceto para a reprodução. Na cultura oriental, a mulher guerreira destaca-se na pele de *Mulan*. Uma personagem criada a partir de um poema chinês do século VI, em que é contada a história de uma jovem chinesa envergando trajes de homem, a fim de substituir seu pai adoentado na guerra civil.

Na literatura brasileira, aparece Diadorim, criada por Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas*, a qual passa toda a história vestida de cangaceiro e respondendo pelo nome de Reinaldo, com o propósito de vingar a memória de seu pai. Na cultura contemporânea, personagens como essas ficaram ainda mais comuns, aparecendo de formas variadas e adequando-se cada vez mais às crenças e aos valores atuais.

Entendendo o feminismo e o conceito de donzela-guerreira, através dos exemplos que foram dados, o projeto que se seguirá poderá ser aplicado com êxito, fazendo com que essas ideias fiquem claras na mente dos alunos.

ANÁLISES

O presente projeto é voltado a alunos do sexto ano do ensino fundamental II, tendo uma média de 10 a 11 anos. Seu objetivo principal é conscientizá-los a respeito da evolução do papel social da mulher e da importância de seu reconhecimento para a sociedade como um todo.

Para realização do mesmo, será apresentada aos alunos a animação da Disney *Mulan*, que conta a história de uma jovem chinesa a qual traja vestes masculinas e vai para a guerra no lugar de seu pai, dentro disso abordar-se-á o conceito de donzela-guerreira – mulher que se disfarça de homem para ir à guerra.

Na aula seguinte ao filme, será levantada a questão de gênero, questionando aos alunos o porquê de a personagem ser levada a se “fantasiar de homem” para poder lutar. Para exemplificar essa situação, deverão ser abordadas outras figuras femininas que desempenhem o papel de guerreira em formas diferentes, como: as amazonas, a mulher-maravilha e Katniss Everdeen (Jogos Vorazes). A partir de então, os alunos deverão entender o quê muda e o motivo da mudança, considerando as histórias e os contextos sociais em que foram escritas. Como atividade para a aula que se seguirá, será pedido que os alunos tragam personagens (de filmes, livros, séries, músicas e etc) que sejam consideradas por eles como heroínas e guerreiras.

O terceiro momento será iniciado com a música *Maria Maria* do Milton Nascimento, trabalhando sua letra de forma a abranger a força da mulher brasileira, trazendo uma face mais atual para o mito trabalhado. Como consequência, os alunos deverão apresentar suas personagens e os motivos que os levaram a escolhê-las.

A discussão final será pautada nas respostas expostas pelos próprios alunos; pegando os motivos dados e as personagens trazidas, o docente poderá levantar novamente a questão de gêneros e a importância de quebrar os padrões, fazendo as crianças entenderem que não devem seguir um destino só porque está imposto por ser homem ou mulher.

A intenção dessa parte final é fazê-los entender que não existe mais uma divisão de papéis, todos podem seguir desejos e deveres como seres humanos independentemente da sexualidade. Será abordado desde a personalidade: uma mulher pode ser forte e inteligente sem perder sua feminilidade – mostrando como exemplos Meredith Grey (*Grey's Anatomy*), Annalise Keating (*How to get away with murder*) e Hermione Granger (*Harry Potter*) – até a escolha da profissão: não existe trabalho de homem e trabalho de mulher, apresentando como exemplo o filme *Zootopia*, em que Judy Hoops é a personagem principal a qual enfrenta preconceitos por ser pequena e ter o desejo de ser policial.

O resultado não será uma produção física, espera-se que a partir desse projeto, os alunos possam conscientizar-se, quebrando tabus que poderão influenciar negativamente no futuro, dentro e fora da sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar o feminismo, o papel da mulher e a questão dos gêneros na sala de aula tem uma importância, não só no contexto acadêmico, mas também no social. Segundo Adichie (2015),

A questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo. Um mundo de homens mais felizes, mais autênticos consigo mesmos. E é assim que devemos começar: precisamos criar nossas filhas de uma maneira diferente. Também precisamos criar nossos filhos de maneira diferente.

Como educadores, nós docentes temos o dever de questionar nossos alunos, mostra-los e fazê-los acompanhar as evoluções do mundo. Não se trata de formar feministas, a grande questão desse projeto é formar pessoas melhores. Levar cada um a pensar e entender seu papel da sociedade, fazendo com que eles parem de autodenominar o que é

função de menina ou de menino, e comecem a enxergar a si mesmos como seres humanos iguais com direitos e responsabilidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHE, C.N. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

GALVÃO, W.N. *A Donzela-guerreira: um estudo de gênero*. São Paulo: Editora Senac, 1998.

SEARS, K. *Tudo o que você precisa saber sobre mitologia: dos deuses e deusas aos monstros e mortais, seu guia sobre a mitologia antiga*. São Paulo: Editora Gente, 2015.

MENDES, R.S.; VAZ, B.J.O; CARVALHO, A.F. O movimento feminista e a luta pelo empoderamento da mulher. *Periódico do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Direito*, Paraíba, n. 3, p. 88-99, 2015.